

aprendi a colocar distância entre mim e minhas emoções, a ser um observador e não um participante.

Não deixo mais a raiva me dominar.

Não deixo mais o desejo me dominar.

Até esta noite.

Até que Larimar piscou seus malditos cílios e olhou para mim com aqueles sedutores olhos lilases, pedindo para eu tratá-la gentilmente, se eu soubesse o que era solidão, como se eu não tivesse passado a maior parte da minha vida em suas garras.

Tão fodidamente solitário.

Então, ela me disse para beijá-la até que ela não pudesse falar, e tudo o que eu queria fazer era exatamente isso. Para impedi-la de dizer aquelas palavras que estavam começando a afundar em meu coração como bile. Sentir seus lábios e sua língua e prová-la tão profundamente que ela se tornaria parte de minhas veias.

Mas o desejo não venceu — não no começo.

Em vez disso, foi raiva, uma sombra peluda e com presas que disparou de mim enquanto eu

agarrei sua garganta.

Eu a seguro agora, meus dedos apertando sua pele macia com força, e estou observando a luz começar a deixar seus lindos olhos. Neste momento, eu sei que estou disposto a matá-la para não sentir nada por ela.

Isso me apavora.

Ela me apavora.

Eu a deixo ir.

Ela engasga, suas mãos vão para sua garganta para aliviar os hematomas que deixei para trás.

Eu penso naquelas manhãs na montanha.

Eu penso no canto dos pássaros até que a raiva se dissipe.

A raiva rapidamente substituída pelo desejo.

E para o desejo, não há cura.

Eu a quero.

Eu preciso dela.

Eu estendo a mão novamente e agarro seu rosto, segurando-o rudemente em uma mão enquanto

minha outra mão vai para seu cabelo, fechando um punho apertado. Eu quero ver se sua

língua tem gosto de limão açúcarado e salgado.

Ela solta um grito, sua boca se abrindo, petulante, rosa e molhada.

O sangue lateja em minha virilha enquanto a luxúria toma conta.

E eu me inclino para ela. Incline-se para ela.

Eu a beijo.